

LAUREN LAYNE

como
num filme

PREQUEL DA SÉRIE RECOMEÇOS

TRADUÇÃO
LÍGIA AZEVEDO

B R A U E

Copyright © 2013 by Lauren LeDonne

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Isn't She Lovely

CAPA Marina Ávila

FOTO DE CAPA Vasyl Dolmatov/ iStock by Getty Images

PREPARAÇÃO Paula Carvalho

REVISÃO Valquíria Della Pozza e Adriana Bairrada

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Layne, Lauren

Como num filme / Lauren Layne ; tradução Lígia Azevedo.
— 1^a ed. — São Paulo : Paralela, 2018.

Título original: Isn't She Lovely.

ISBN 978-85-8439-128-8

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

18-19590

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoeditor@editoraparalela.com.br

facebook.com/editoraparalela

instagram.com/editoraparalela

twitter.com/editoraparalela

*Para LACT.
Obrigada.*

*Pela orientação nas redes sociais. Pelos conhecimentos
de tecnologia e outras nerdices. Pelo gênio criativo.
Pelos drinques e por me ouvir.
Por estar aqui.*

1

STEPHANIE

É assim: nos filmes românticos, sempre tem o encontro fofo.

É o momento em que o casal se encontra pela primeira vez, e é surpreendente, irônico, encantador ou qualquer bobagem dessas.

Você sabe, aquela cena em que a protagonista feminina sarcástica e intimidadora acha que o novo advogado bonitão trabalha na limpeza. Ou quando a secretária bonitinha bate na traseira de uma BMW só para descobrir que é do seu novo chefe.

Então, é claro, o amor verdadeiro nasce, e todo mundo esquece que a coisa toda foi deliberadamente arquitetada.

Mas isso aqui você não aprende nas aulas de introdução ao cinema: na vida real, o encontro fofo não é nem um pouco fofo. É muito mais constrangedor. Às vezes é do tipo “quero morrer”.

E quer saber outra coisa que a gente não aprende?

Leva muito mais tempo do que esse breve momento para saber que a outra pessoa não passa de um gigantesco pé no saco.

Basicamente, o encontro fofo é uma grande ilusão criada pela terra da fantasia que é Hollywood.

Só que às vezes... às vezes ele é real.

Minha mãe sempre me dizia que a gente não sabe quem realmente é até fazer trinta. Estou convencida de que isso é uma besteira.

Estou com vinte e um e já sei várias coisas sobre mim mesma. O cheiro de rosas me deixa enjoada, fico pálida ao usar roupas verdes, não sei bater papo-furado e sou louca por filmes antigos.

Ah, e odeio chegar atrasada.

Mas deve haver alguma lei cósmica para que no primeiro dia de aula você não ouça o despertador, não encontre a mochila e o metrô demore muito para passar.

Não que eu precise me preocupar em chegar atrasada para a aula de roteiros de filmes clássicos, porque é só uma optativa. Mas, como eu disse, odeio me atrasar.

O lado bom é que faz três anos que estudo na Universidade de Nova York, então sei me virar no campus. Pelo menos não me perco enquanto estou meio correndo, meio andando rápido, com os peitos pulando a caminho da sala de aula.

Estou revirando minha mochila preta velha em busca de uma barrinha de cereal para substituir o café da manhã quando bato em um muro de... bem, *pura gostosura*, por falta de uma expressão melhor.

Nunca tinha virado a esquina e dado de cara com alguém, mas sempre pensei que acontecesse meio que em câmera lenta.

Não é bem assim.

É mais como um lampejo de surpresa, enquanto você bate os dentes de um jeito desconfortável, seguido de uma grande humilhação.

Não sei o que é pior: as minhas coisas estarem todas espalhadas pelo chão ou o fato de que estou boquiaberta diante do cara com quem acabei de trombar. Ele é ridiculamente bonito, com cabelo curto, de um jeito meio certinho. Cabelo loiro-escuro, queixo quadrado, olhos castanhos-claros e ombros deliciosos...

Não faz o meu tipo. Prefiro o estilo artista magrelo com olhos expressivos. Mas, ainda assim, é um cara bonito, se você gosta dos altos e musculosos com gel no cabelo.

Em vez de se desculpar, o cara solta um suspiro baixo, como se isso estivesse sendo inconveniente para *ele*, que não é nem o dono dos absorventes e cadernos espalhados pelo chão.

“Ótimo”, sussurro, me inclinando para recolher a bagunça.

Ele se abaixa no mesmo momento, e consigo afastar a minha cabeça, evitando que ela se choque com a dele, como se fosse uma cena de filme B. Infelizmente, isso joga meus peitos na cara dele. Nós dois recuamos antes que seu nariz mergulhe bem ali no meio. Ou seja, troquei um

momento levemente desconfortável por outro ainda mais constrangedor. O dia não poderia estar sendo melhor...

“Foi mal”, o Bonitão diz, com um sorriso torto. Não sei se está se desculpando pela trombada inicial ou pela humilhante situação de quase ter enfiado a cara no meio dos meus peitos sem querer. Como parece que ele está prestes a rir, desconfio que seja a segunda opção.

Babaca.

Mantenho os olhos fixos nos meus livros e papéis que estão no chão, pois meu rosto está muito vermelho. É claro que eu tinha que ter saído de regata hoje. Não sou do tipo que mostra muita pele, mas está quente pra caramba, com a umidade em quatrocentos por cento, e minhas camisetas escuras de sempre pareceram meio opressivas.

É o que eu ganho por ser prática.

O cara começa a me ajudar a recolher minhas coisas, e eu o avalio discretamente. A polo branca e a bermuda xadrez muito bem passadas destoam do estilo do pessoal do departamento de artes, em que a maior parte dos alunos parece comigo: com cabelo e roupas escuros e muito lápis de olho.

Examo a bolsa cor de café dele, com um discreto logo da Prada.

“Você está perdido?”, solto.

Ele dá uma risadinha.

“O fato de não andar acelerado por aí não quer dizer que estou perdido.”

“Não virei com tudo”, digo. “Só estava com pressa.”

Ele pega um absorvente e me passa com um sorriso inocente no rosto. Tento parecer segura ao guardá-lo no fundo da mochila. Sério, entre todas as coisas espalhadas no chão, ele tinha que recolher justamente isso?

Reúno o resto da bagunça e enfio tudo na mochila, levantando enquanto fecho o zíper. “Então tá. Só ia te ajudar a se localizar.”

“Começo meu último ano em setembro. Acho que posso me virar no campus”, ele diz, também levantando e ficando bem mais alto do que eu.

“Aqui?” Fico embasbacada. “Você parece saído de um folheto de Harvard.”

Ele levanta uma sobrancelha um pouco mais escura que o cabelo. “Então você julga as pessoas pela aparência?”

Nem sei por que estou discutindo com esse cara, mas ele parece meio convencido, e essa coisa toda perfeitinha me deixa louca. Prefiro caras reais, o que não é o caso.

Aponto para o figurino dele. “É só que você parece ter se esquecido de tirar o uniforme do clube de campo.”

Ele dá um passinho na minha direção. Tento ignorar o fato de que é uns trinta centímetros mais alto que eu e tem visão perfeita do meu decote.

“O mau humor vem com o visual gótico?”, ele pergunta, me olhando de cima a baixo. “Ou vende separado?”

Levanto a mão para esconder meus olhos. “Cuidado pra onde aponta seus dentes, por favor. O brilho está me cegando.”

Ele passa a língua pelos dentes ridiculamente brancos, parecendo pensar. “Quando está escuro demais para estudar, eu só sorrio e uso o reflexo dessas maravilhas, sabia?”

É uma péssima resposta, mas só reviro os olhos e deixo que tenha a última palavra. Cansei dessa conversa absurda. Vou para a sala, sabendo que estou vinte minutos atrasada.

“Não vai nem se despedir?”, ele grita pra mim. “Devolvi seu absorvente!”

Faço um aceno de qualquer jeito por cima da cabeça, sem me dar o trabalho de virar.

Encontro a sala e me preparam para a sensação desconfortável de ser atrasadinha. Está bem cheia, considerando que é uma optativa de verão, mas acho que não é surpresa quando o professor ganhou dois Globos de Ouro e um Oscar.

Na verdade, ele nem é um professor de verdade, e sim o roteirista queridinho de Hollywood no momento. Martin Holbrook se formou na Universidade de Nova York uma centena de anos atrás. Dá algumas aulas como professor convidado de tempos em tempos, para dividir um pouco de sua sabedoria com os alunos.

É claro que essa aula não é o único motivo para eu ficar em Nova York no verão. Não é nem o motivo *principal*.

Mas ainda assim é legal pra caramba trabalhar com um cara que passou pelo tapete vermelho e tudo o mais. A experiência da maioria dos meus professores se limita aos bastidores de filmes independentes.

“Srta. Kendrick, imagino”, Martin Holbrook diz quando tento entrar discretamente.

“Hum, isso”, digo, enquanto sento na primeira carteira livre, encostada na parede. “Desculpa o atraso.”

Para minha surpresa, o sr. Holbrook não parece perturbado pela minha falta de pontualidade. Meus colegas de classe tampouco parecem me repreender com os olhos, como costuma acontecer.

Estão todos concentrados no cara com o sorriso de propaganda de pasta de dente parado à porta.

Ah, não. Ele só pode estar na sala errada.

“É bom ver você de novo, Ethan”, Martin Holbrook diz.

Peraí. Quê? Do que ele está falando?

Em vez de se esgueirar pelo canto, como eu fiz, Ethan vai com toda a tranquilidade para a fileira vazia em que estou sentada, parecendo indiferente ao fato de que todo mundo está olhando para ele.

Viro para ele, de um jeito que espero que o convença a deixar algum espaço entre nós. Ethan passa rente à minha carteira, derrubando a barrinha de cereal no meu colo.

“Acho que você deixou cair alguma coisa”, ele diz, com uma piscadela.

Todos olham confusos para nós, e não posso culpá-los. Pareço a garota problemática de quem os pais querem que seus filhos mantenham distância, enquanto Ethan é como se fosse o rei do baile. Não deveríamos nem notar a existência um do outro.

No entanto, nós dois chegamos tarde, praticamente juntos e agora ele está cheio de piscadelas e gracejos para cima de mim, dando a impressão de que nos conhecemos.

Credo.

Meu olhar cruza com o de Carrie Sinders, uma das minhas melhores amigas na faculdade. Ela arregala os olhos dramaticamente, como quem pergunta o que está acontecendo.

Boa pergunta, Carrie. Ótima pergunta.

A única coisa boa dessa situação toda é que Martin Holbrook não é tão arrogante quanto eu pensava, e não parece nem um pouco incomodado com a interrupção. Provavelmente porque jogou golfe com o pai do Bonitão da Prada ou coisa do tipo.

Pego meu caderno e uma caneta e tento focar no que Holbrook está dizendo quando sinto alguém cutucar minhas costas.

“Ei, Mortícia, me empresta uma caneta?”

Quero dizer a Ethan que não tenho outra, me ele sabe muito bem o que eu trouxe na mochila. Pego uma esferográfica azul e deixo na carteira dele sem nem olhar em seu rosto. Não gosto de gente que não entendo, e a presença dele aqui, onde não parece se encaixar, é desconcertante.

Isso e o fato de que Ethan cheira bem. Muito bem. Normalmente detesto que os caras usem perfume. Mas esse é simples, sexy e lembra o verão nos Hamptons, e me deixa bem distraída.

Tento esquecer isso, pois estou evitando a população masculina desde o David, cuja ideia de usar perfume era, aliás, passar desodorante.

“Entenderam?”, pergunta Holbrook. Entro em pânico, porque não estava prestando atenção e ele não escreveu nada na lousa que eu pudesse copiar, além do endereço de um site, que anoto rapidamente.

Por sorte, tem um cara mais perdido que eu sentado no fundo da sala. Ele levanta a mão, confuso. “Espera, então... é só entrar no site, pegar um dos argumentos desses filmes e escrever um roteiro com base nele?”

Holbrook assente. “Isso. Vou estar aqui às terças e quintas, no horário da aula, se tiverem dúvidas ou precisarem falar comigo.”

Franzo a testa. *Então a gente não vai precisar vir pra cá?*

Normalmente eu adoraria essa liberdade, mas eu meio que estava contando com o curso para me manter ocupada no verão. Sempre pude ficar no campus desde que cumprisse determinado número de créditos, mas neste ano estão pintando os dormitórios, então todo mundo tem que sair. Eu subloquei o apartamento minúsculo da minha prima no Queens, mas nem sei se ela tem internet, e certamente não tem ar-condicionado. O que vou fazer o verão inteiro?

Ainda assim... qualquer coisa é melhor do que ir para casa.

“Se não tiverem mais perguntas, vou formar duplas e dispensar vocês.”

Meu cérebro precisa de um segundo para absorver a informação.

Duplas?

Não sou do tipo que faz trabalho em grupo.

“Minha filha de quatro anos ficou tirando o nome de vocês de um pote ontem à noite, então não poderia ser mais aleatório”, Martin diz,

pegando uma caderneta da mochila. “Aaron Billings e Kaitlin Shirr. Michael Pelinski e Taylor McCaid...”

A lista continua. Carrie olha para mim com os dedos cruzados.

Por favor, que eu caia com ela. Posso tolerar isso. Acho.

“Stephanie Kendrick...”

Por favor, por favor...

“... e Ethan Price.”

Ah, não.

O Bonitão deve ter juntado as peças também, porque sinto outra cutucada firme nas costas.

“Ouviu só, Gótica? Somos uma dupla!”

Fecho os olhos. Isso não pode estar acontecendo.

Em vez de um verão tranquilo para me reencontrar, como eu tinha imaginado, vou passar os próximos três meses com uma versão em tamanho real do Ken.

E isso nem é o pior de tudo.

2

ETHAN

Minha dupla de trabalho tem uma beleza que assusta.
Ou talvez só seja assustadora de um jeito lindo.
Seja como for, não sei por que não consigo parar de olhar para ela.
A garota nem é o meu tipo.

Ela tem cabelo escuro — quase preto, mas não exatamente —, e não deve ter mais de um metro e sessenta. E, em vez dos vestidinhos floridos e das sandálias que as garotas preferem no verão, usa uma calça cargo preta e botas que parecem saídas do campo de batalha de uma guerra.

E tem aquela regata roxa muito reveladora. É a única parte da roupa de que eu gostei.

Ela tem peitos incríveis.

A maquiagem de guaxinim é menos atraente. É como se o contorno bem preto dos olhos fosse uma forma de dizer “foda-se” para o verão e a felicidade. Fora que ela é bem mal-humorada.

Definitivamente não é o meu tipo.

E agora estou preso com ela pelo resto do verão.

Acho que é bem feito por ter sido um babaca no corredor, quando ela claramente preferia ficar sozinha. O normal seria eu ter ajudado a recolher as tralhas dela e cair fora, mas o jeito como me rotulou antes mesmo que eu abrisse a boca me deixou puto.

É claro que ela está certa. Não me encaixo aqui. Se eu também fosse julgar pelas aparências, acharia que as garotas dessa parte do campus gostam de passar o tempo tomando suco de couve orgânica e discutindo literatura feminista. E a maior parte dos caras parece tão envolvida com essa literatura feminista quanto elas.

Por mim, tudo bem. Cada um na sua, e pronto.

Sou mais o tipo de cara que, na faculdade, bebe cerveja e acompanha futebol americano. Em casa, jogo xadrez e tomo uísque, mas tanto faz. A questão é que vi pelo menos cinco caras na sala de esmalte. *Esmalte*.

Eu não pintaria as unhas nem morto.

Então, essa menina estranha tem razão. Fico deslocado neste lugar, da mesma forma que ela ficaria em Wall Street, onde fiz um estágio no semestre passado. Mas não estou acostumado com as pessoas dizendo essas coisas em voz alta.

Eu me conformo em pedir desculpas a essa górica em miniatura. Talvez uma oferta de paz possibilite à gente sobreviver ao verão trabalhando juntos. Mas ela já foi embora da sala.

Eu a alcanço em poucos passos e seguro a alça da mochila dela. Fico tentado a levantá-la do chão, só porque posso, mas em vez disso só a puxo com força o bastante para mostrar que estou aqui.

Ela me encara e, por um segundo, fico sobressaltado ao examinar seus olhos de perto. São grandes e bem azuis, totalmente diferentes da sua personalidade. Sinceramente, fico surpreso que não use lentes de contato pretas só para tirar *toda* a cor da sua vida.

“Como foi seu primeiro dia de aula na escola?”, pergunto, andando ao lado dela. “Sério, quem é que ainda usa mochila?”

“Nem todo mundo pode usar Prada”, ela comenta, me lançando outro de seus olhares mortais.

“Uau, você está me esnobando por ser esnobe. Por essa eu não esperava!”

Ela pisca, surpresa com a bronca. A maior parte das pessoas acha socialmente aceitável zombar de gente rica. Talvez elas confundam as notas de dólares com um escudo, não sei.

Ela não responde. Me dou conta de que vou ter que passar bastante tempo com esse ser humano intratável, e não estou nem um pouco a fim disso.

“Olha... Stephanie, né?”, pergunto, segurando sua mochila de novo quando ela tenta fugir, como se fosse uma criança. “Quer falar sobre o trabalho agora ou tem outros planos? Como matar um gato ou fazer outro piercing?”